

Catarina Menezes

Escola Superior de Educação/Instituto Politécnico de Leiria
Doutoranda em Ciências da Comunicação/Universidade de Coimbra

Depois de algumas obras já publicadas no âmbito da comunicação e da cidadania, Peter Dahlgren reúne em *Young Citizens and New Media* artigos que retomam a temática, aprofundando, em particular, a reflexão sobre o envolvimento cívico e político das novas gerações e sobre o papel que nesse processo podem desempenhar as novas tecnologias da informação e da comunicação. Neste sentido, e com diferentes abordagens, autores como Lance Bennet, David Buckingham, Stephen Coleman ou Sonia Livingstone apresentam dados relativos a usos dos media e a padrões de participação democrática dos mais jovens, bem como um debate em torno das mudanças sociais que se anunciam.

Não obstante serem discutidos alguns factores limitadores da participação política e do consumo de media tradicionais (actuação dos representantes políticos, lógicas de produção de conteúdos, individualismo mais pronunciado, centralidade do consumo), a obra está longe de constituir um lamento sobre a desconexão. O diagnóstico serve, pelo contrário, para identificar novas dinâmicas sociais, novos padrões de consumo de media e envolvimento político que apontam para uma extensão e flexibilização do conceito de cidadania mas também de educação cívica. Defendem-se concepções que permitam incluir novas formas de participação e compromisso e novas competências, menos normativas, mais «simbólicas e emotivas» (Coleman: 34/35), com maior ligação aos percursos de vida (Vinken: 54), a valores, temáticas e contextos particulares, numa perspectiva que sublinha a articulação entre o envolvimento social e as questões da identidade (Dahlgren: 6).

Reconhecendo que os usos explicitamente políticos da internet são reduzidos e que grande parte dos jovens circula na rede sobretudo em espaços associados à cultura popular, entretenimento, consumo e sociabilidade entre pares, defende-se, ainda assim, a relevância dessas interações, na medida em que proporcionam novas formas de desenvolvimento da subjectividade e podem contribuir para a aquisição de «um sentimento de auto-confiança e competência social» (Dahlgren: 5), para o desenvolvimento de capacidades de comunicação horizontal e interacção cívica.

Assim, e justificando o título, em *Young people and new media, Learning for democratic participation* é pensada a forma como os novos media podem ter um papel de relevo ao nível de uma nova aprendizagem da cidadania: possibilitam novas formas de acção, potenciam competências e permitem o desenvolvimento de «comunidades de práticas» (Amadeo: 142), contextos de aprendizagem mais vastos e integrados do que a transmissão pedagógica formal.

A obra evita, no entanto, um discurso extremado sobre o potencial das novas tecnologias enquanto panaceia para os males do espaço público. Reconhece-se que as novas ferramentas oferecem novas possibilidades, mas que «não há uma solução simplesmente tecnológica para os dilemas da democracia» (Dahlgren: 1). Neste sentido, o debate é remetido para a problemática dos usos e das actualizações levadas a cabo pelos indivíduos e também para as «circunstâncias institucionais e sociais» dessas utilizações (Buckingham: 147). O potencial da tecnologia será, então, mais ou menos cumprido, dependendo do capital social e cultural (Livingstone: 120) e dos «recursos políticos» (Amadeo: 201-202) dos seus utilizadores.

Nesta atenção aos contextos, sublinha-se ainda que a exploração de uma novidade dos novos meios na aprendizagem da cidadania só poderá ser completamente cumprida no seio de uma mais vasta interacção entre actores. Assim, e no sentido de uma articulação mais eficaz entre modelos de política informal e formal (Bennet: 62/63), convidam-se representantes políticos e educadores a uma mudança de práticas, procurando não apenas «envolver» os jovens, mas «envolver-se» com eles na construção de uma comunicação acessível e de uma «agenda política partilhada» (Coleman: 36/37).